





Contextualização da Sociedade do Risco na realidade do trabalho online em Purwokerto, Java Central, Indonésia

Contextualización de la Sociedad del Riesgo en la realidad del trabajo online en Purwokerto, Java Central, Indonesia

Contextualization of Risk Society in the Reality of Digital Work in Purwokerto, Central Java, Indonesia

Wiman Rizkidarajat^{a 1}; Isna Hanny Puspaningtyas^{b 2}; Nathania Romauli^{c 3}; Aulia Putri Maharani^{d 4}

1 Universitas Jenderal Soedirman, Indonesia; 2 Universitas Jenderal Soedirman, Indonesia; 3 Universitas Jenderal Soedirman, Indonesia; 4 Universitas Jenderal Soedirman, Indonesia

a wiman.rizkidarajat@unsoed.ac.id  <https://orcid.org/0000-0003-1946-9565>
b isna.puspaningtyas@mhs.unsoed.ac.id  <https://orcid.org/0009-0005-2269-727X>
c Nathania.romauli@mhs.unsoed.ac.id  <https://orcid.org/0009-0008-3367-1528>
d aulia.maharani@mhs.unsoed.ac.id  <https://orcid.org/0009-0004-1253-5798>

Resumo

Este artigo tem como objetivo contextualizar os pensamentos de Ulrich Beck, *Sociedade do Risco*, em relação ao trabalho digital precário em Purwokerto, Java Central, Indonésia. Os dados foram obtidos por meio de métodos mistos que envolvem quarenta fontes de dados envolvidas em trabalhos digitais precários nos setores de transporte online e freelancer. A descoberta deste artigo é que a *Sociedade do Risco* pode ser contextualizada por meio da modernização do mundo do trabalho através da economia gig e do trabalho digital. Além disso, a Modernidade também cria três armadilhas na forma de desqualificação na realidade do trabalho digital, gerando alienação nas plataformas e dependência de algoritmos. Por fim, a modernidade também reduz o papel do estado quando não acompanhada por uma natureza reflexiva.

Palavras-chave: Sociedade do Risco; trabalho online; precariedade



Resumen

Este artículo tiene como objetivo contextualizar los pensamientos de Ulrich Beck, *Sociedad del Riesgo*, en relación con el precario trabajo digital en Purwokerto, Java Central, Indonesia. Los datos se obtuvieron a través de métodos mixtos que involucran cuarenta fuentes de datos que realizan trabajos digitales precarios en los sectores de *apps* de transporte y *freelance*. El hallazgo de este artículo es que la *Sociedad del Riesgo* puede contextualizarse a través de la modernización del mundo laboral mediante la economía gig y el trabajo digital. Además, la modernidad también crea tres trampas en forma de descalificación en la realidad del trabajo digital, generando alienación en las plataformas y dependencia de algoritmos. Por último, la modernidad también reduce el papel del estado cuando no se acompaña de una naturaleza reflexiva.

Palabras clave: Sociedad del Riesgo; trabajo online; precariedad

Abstract

This article aims to contextualize Ulrich Beck's thoughts, "Risk Society," regarding precarious digital work in Purwokerto, Central Java, Indonesia. Data was obtained through mixed methods involving forty data sources that carry out digital work of a precarious nature in the online transportation and freelance sectors. The finding of this article is that "Risk Society" can be contextualized through the modernization of the world of work through the gig economy and digital work. Furthermore, modernity also creates three traps in the form of deskilling in the reality of digital work, creating alienation on platforms and dependence on algorithms. Lastly, modernity also creates a reduction in the role of the state when a reflective nature does not accompany it.

Keywords: Risk Society; digital work; precariat work

INTRODUÇÃO

Ulrich Beck publicou uma premissa sobre uma nova ordem social em um livro intitulado "Sociedade do Risco" no início da década de 1990. Neste livro, ele dividiu seus pontos de vista sobre o futuro da civilização humana em três capítulos. O primeiro é "Vivendo no vulcão da civilização: os contornos da Sociedade do Risco", composto por duas partes, "Sobre a lógica da distribuição de riqueza e distribuição de riscos" e "A política do conhecimento na Sociedade do Risco" (Beck 1992, 10-90). O capítulo explana a epistemologia da Sociedade do Risco, que ocorreu devido à passagem do tempo, levando a civilização humana a enfrentar uma natureza interconectada e uma transformação social em direção a uma nova ordem global (Chernilo 2021, 15).

O segundo capítulo da Sociedade do Risco é "A individualização da desigualdade social: formas de vida e o

desaparecimento da tradição", consistindo em quatro partes, "Além do status e da classe?", "Eu sou 1: Espaço de gênero e conflito dentro e fora da família, Individualização, institucionalização e padronização: situações de vida e padrões biográficos" e "Despadronização do trabalho" (Beck 1992, 91-139). O capítulo explica como a globalização altera a forma natural da vida humana, passando de uma estruturada por meio de uma tradição comunitária para uma que é individual. Isso faz com que os humanos na estrutura da Sociedade do Risco se tornem um novo objeto individual que deve ser interpretado de uma nova perspectiva além de classe, status, família e seu papel na vida social.

O terceiro capítulo é "Modernização reflexiva: sobre a generalização da ciência e da política", composto por duas partes, "Ciência além da verdade e iluminação?" e "Abrindo o político" (Beck 1992, 140-183). Este capítulo é a parte final que descreve a conclusão de como a Sociedade do Risco ocorreu devido a duas teses. A primeira é a dialética histórica, que repetirá a ordem da sociedade para uma ordem feudal, mas com a renovação de um sistema de capital mais avançado, tornando os humanos individualistas e inseguros na distribuição de riscos. A segunda é como a modernidade não reflexiva pode se estender a um sistema mais amplo, neste caso, o estado, tornando o estado uma entidade meramente formal que é impotente porque não pode penetrar sua autoridade diante de um sistema de capital controlado por alguns poucos indivíduos que tiveram sucesso em superar a incerteza distributiva: riscos resultantes da modernização.

Os três capítulos em "Sociedade do Risco" formam uma série completa para entender as mudanças na ordem da sociedade quando confrontada com a modernidade e um novo tipo de capitalismo. Essa completude ocorre porque Beck explica a sequência de formação da Sociedade do Risco de maneira precisa, em forma de mudanças no espaço, na estrutura e nos hábitos, e redução do sistema mais amplo. Além de serem abrangentes, as premissas de Beck em "Sociedade do Risco" são fluidas, pois os impulsionadores das mudanças na ordem da sociedade, modernidade e capitalismo, também são muito fluidos.

Para demonstrar a completude e fluidez de sua premissa,

Beck não parou após apresentar as premissas em "Sociedade do Risco". Ele desenvolveu suas premissas anteriores para refletir os desenvolvimentos ao longo do tempo e as mudanças na sociedade. O autor menciona que existem dois artigos de acompanhamento de "Sociedade do Risco". Em seu primeiro artigo de acompanhamento, Beck (2010) discutiu a contextualização da Sociedade do Risco na forma de degradação do espaço vital humano devido às mudanças climáticas resultantes da modernização, que se estendeu do início dos anos 2000 até 2010. Esse artigo então desencadeou mais escritos de vários pesquisadores para discutir que a modernização cria uma distribuição desigual de riscos na forma de mudanças climáticas, que se tornou um fenômeno global (Laidley 2013; Anguelovski, Connolly e Brand 2018; Connolly 2019; Block 2020; Jamieson 2020; Faber 2018).

Na continuação de seu artigo, Beck e Blok (2016) mostram como o padrão de distribuição de riscos na Sociedade do Risco se tornou um fenômeno cosmopolita. Por ser cosmopolita em uma comunidade global, suas causas estão se tornando cada vez mais diversas (Selchow 2016). O autor destaca que um exemplo de uma tentativa de contextualizar a Sociedade do Risco de maneira mais cosmopolita é na forma do vírus global da doença COVID-19, que limita a interação humana (Rizkidarajat e Chusna 2022; Ramos 2022; Sparke e Williams 2022; Hussain 2020). O artigo que foi escrito como o segundo acompanhamento de "Sociedade do Risco" é o ponto de partida para este artigo. Se examinado mais profundamente, o artigo de Beck e Blok revela uma nova prática de mudança na sociedade baseada em mudanças no espaço, na estrutura e nos hábitos, enquanto reduz o papel do estado, desencadeando, finalmente, a mudança mais fundamental na prática da sociedade moderna: o mundo do trabalho.

Desde que a Covid-19 atingiu o mundo, o trabalho também foi afetado. O que é visível a olho nu é como as práticas de trabalho não precisam mais ocorrer em um espaço real, mas podem acontecer em um espaço digital. Juntamente com essa nova realidade, também está surgindo o discurso sobre um novo padrão econômico chamado economia gig. De Stefano (2016, 472-5) explica que a economia gig é um tipo de padrão

econômico no trabalho moderno baseado em dois aspectos, a saber, trabalho em grupo e trabalho sob demanda por meio de aplicativos. O trabalho em grupo é um tipo de trabalho simples sem habilidades especiais executado por meio de uma plataforma online que conecta um número ilimitado de organizações pela Internet e permite que clientes e trabalhadores se conectem globalmente. Em seguida, o trabalho sob demanda por meio de aplicativos é um tipo de trabalho realizado com base em um contrato quando o buscador de emprego está conectado ao aplicativo e termina imediatamente quando o buscador de emprego não está mais conectado ao aplicativo (De Stefano 2016, 474). As restrições na interação humana durante a pandemia de COVID-19 desencadearam mudanças na sociedade na distribuição desigual dos riscos modernos na economia gig. Devido à sua novidade, o fenômeno merece ser discutido mais profundamente.

O que De Stefano propôs foi posteriormente desenvolvido por outras pesquisas e revelou novos problemas na distribuição de riscos nas práticas de trabalho modernas no espaço digital. Stewart e Stanford (2017, 427) explicam em seu artigo que trabalhar no espaço digital apresentará novos problemas para os trabalhadores na forma de relações trabalhistas desequilibradas, criando assim o termo trabalhadores precários ou trabalhadores ocasionais vulneráveis a riscos nas relações trabalhistas. Outro problema foi revelado por Suraj (2018). Em seu artigo, ele mostra que o trabalho precário na economia gig é um veículo que muito provavelmente promoverá a desqualificação para os trabalhadores, porque o trabalho em grupo incentivar a criação de tipos de trabalho com habilidades não específicas, reduzindo a qualidade do trabalho, o que ele chama de trabalho a curto prazo sem garantias de bem-estar.

Outro problema é visto na forma de "plataformização". O termo "plataformização" é usado para criar um espaço digital que reúna os trabalhadores em um único local. Embora seja cumulativo em sua natureza, o padrão de "plataformização" é sempre usado para tornar os trabalhadores precários que se reúnem nele mais individualistas e incapazes de negociar com as políticas de seus empregadores (Chan 2019a, 2019b). Além

disso, quando estão na plataforma, esses trabalhadores precários serão supervisionados e dependerão de uma micro-matriz que registra seu trabalho por meio de um aplicativo chamado algoritmo (Rosenblat e Stark 2016).

Essas formas de trabalho são encontradas em muitas partes do mundo. Na Indonésia, a forma mais evidente foi vista desde a existência de Go-jek e Grab, uma empresa de transporte fundada em 2010. Kodrat (2019) afirmou que, embora essas duas empresas tenham oficialmente lançado dados de motoristas, ele observou que em 2019 se previa que houvesse dois milhões e meio de motoristas apenas na área de Jabodetabek. Essa projeção ainda precisa de correções, se observarmos os dados que mostram que o aplicativo Go-Jek Driver foi baixado mais de dez milhões de vezes e o Grab Driver foi baixado mais de oito milhões de vezes na PlayStore. Além do Go-jek e do Grab, várias novas empresas iniciantes que utilizam esquemas de trabalho em plataforma em vários campos são frequentemente utilizadas por trabalhadores digitais na Indonésia, como Shopeefood, Fiverr, Tirando Music, Upwork.com, Forbis.id e Glints.

Com base nos achados de pesquisas anteriores e nas realidades específicas que ocorrem na Indonésia, o autor tem como objetivo contextualizar a Sociedade do Risco em um quadro próximo à vida diária do autor, na forma da realidade do trabalho digital em transporte online e trabalho freelance por meio de mecanismos de trabalho em plataforma digital em Purwokerto, Regência de Banyumas, Java Central. Este artigo é essencial porque traz novidade na especificação de tipos de trabalho e uma nova perspectiva sobre a realidade do trabalho digital por meio da contextualização da Sociedade do Risco para fortalecer os achados de pesquisas anteriores. Algumas das pesquisas anteriores referidas pelo autor incluem a primeira pesquisa realizada por Tarigan et al. (2017, 10-13), que descobriu que o contrato de parceria da Go-jek não podia ser classificado como um contrato válido dentro do quadro legal trabalhista indonésio. Em segundo lugar, a pesquisa de Mustofa (2018, 23-5), que descobriu que a existência de trabalhadores autônomos, que é uma extensão do conceito de trabalho precário, beneficia os empresários porque sua existência está basicamente fora dos

trabalhadores permanentes. A terceira pesquisa foi realizada por Hidayah (2021, 95-8), que descobriu que os freelancers na Indonésia enfrentam diversas incertezas que vão desde a incerteza sobre o salário e as horas de trabalho até a segurança social. A pesquisa mais recente foi realizada por Setiasih (2022, 36), que descobriu que o transporte online de motocicletas é um tipo vulnerável de transporte público, pois sua existência vai contra várias leis e regulamentos na Indonésia em relação ao transporte público e ao emprego.

MÉTODO DE PESQUISA

Os dados neste artigo foram obtidos por meio do uso de métodos mistos (Tashakkori e Teddlie 2013, 18-24). Este método aproveita as vantagens de cada pesquisa quantitativa simples. Os dados foram coletados usando este método em primeiro lugar e depois explorados por meio de observação e entrevistas em profundidade, utilizando um método qualitativo para justificar os dados de maneira mais científica. A pesquisa foi utilizada para obter uma visão geral das características e condições de trabalho dos motoristas de motocicletas online e trabalhadores autônomos dentro do contexto da economia gig. Enquanto isso, as entrevistas em profundidade foram utilizadas para realizar uma exploração detalhada das possíveis dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores digitais no contexto da economia gig, como desqualificação, plataforma e monitoramento algorítmico.

A pesquisa foi conduzida na cidade de Purwokerto, Regência de Banyumas, Java Central, durante agosto e setembro de 2023. A escolha da cidade de Purwokerto como local da pesquisa visa demonstrar que o trabalho digital já não reconhece o espaço que divide o discurso entre cidades metropolitanas e cidades provinciais (van Klinken 2014, 24-6). Foram distribuídos um total de quarenta questionários para obter dados intencionais, com vinte questionários

direcionados a motoristas de motocicletas (aplicativo de transporte), sendo seis destes entrevistados em profundidade, e vinte questionários direcionados a trabalhadores autônomos que utilizam plataformas digitais, sendo seis destes entrevistados em profundidade. Os seguintes são os critérios objetivos da pesquisa:

Tabela 1

Critérios de Objetivos de Pesquisa



Esses dados serão então utilizados pelo autor para contextualizar cuidadosamente capítulo por capítulo no livro "Sociedade do Risco". O método de contextualização ao qual o autor se refere é um método realizado ao reconceituar uma teoria em uma nova realidade para que haja novidade na leitura e na prática (Moe 2019, 160; Avnoon, Kotliar e Rivnai-Bahir 2023, 128). Com esses métodos, uma explicação detalhada sobre a contextualização da Sociedade do Risco na realidade do trabalho digital em Purwokerto, Java Central, Indonésia, será obtida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a. Sociedade moderna do risco na forma de economia gig

A Sociedade do Risco se inicia com um capítulo intitulado "Vivendo no Vulcão da Civilização: Os Contornos da Sociedade do Risco". Ele explica como a sociedade moderna se desenvolve a partir de uma certeza que se torna parte de suas vidas. A certeza em si fala de uma situação em que, quanto mais moderna é uma sociedade, mais aumenta sua prosperidade e mais específico é o nível de exposição ao risco

(Beck 1992, 22). Na sociedade moderna, o risco criado pelo desenvolvimento do sistema capitalista aumenta ao seu redor. O desenvolvimento do capitalismo desloca a característica local do risco em si, anteriormente, o risco era definido apenas no processo econômico, mas agora é definido como algo mais global ou grande (Beck 1992, 38). Essa característica faz com que os seres humanos, como parte de um sistema capitalista, se tornem cada vez mais vulneráveis, porque a globalização não é acompanhada por melhores garantias contra os riscos que podem ser experimentados em um processo econômico (Beck 1992, 40-3). Através dessas explicações, Beck fornece uma metáfora de que uma sociedade que vive no desenvolvimento da modernidade e do capitalismo é uma sociedade sob um vulcão, cuja certeza sobre o risco de desastre é desconhecida e não pode ser suportada por ninguém mais além deles mesmos.

A Modernidade na Sociedade do Risco, de fato, não parou no início do século XX, como Beck previu. Os fenômenos da modernidade e a incerteza sobre o seguro contra os riscos que acompanham a globalização continuam a mudar a estrutura da sociedade até os dias de hoje. No exemplo mais óbvio, a contextualização da premissa de Beck pode ser lida através de um novo fenômeno chamado economia gig (De Stefano 2016). No entanto, para ler a economia gig como a forma mais moderna da Sociedade do Risco, é necessária uma leitura mais profunda de pesquisas anteriores.

A primeira leitura das pesquisas anteriores foi feita no artigo de Crouch (2019). Neste artigo, a contextualização da Sociedade do Risco é descrita como ocorrendo em sociedades pós-industriais, que são forçadas a conhecer novos tipos de trabalho que degradam suas habilidades, mas, por outro lado, esses trabalhos oferecem liberdade laboral com habilidades não específicas (Crouch 2019, 14). Essa oferta criou o termo trabalho precário ou freelance, que está intimamente relacionado a trabalhos ocasionais sem horas de trabalho fixas e contratos de trabalho claros. Este tipo de trabalho então se torna um tipo que causa situações de desigualdade através da distribuição desigual do risco em si. Segundo o artigo, existem quatro tipos de desigualdades, que incluem 1) desigualdade de gênero, 2) desigualdade nos tipos de

trabalhos precários de acordo com as áreas dos trabalhadores, 3) desigualdade no setor de políticas públicas e 4) desigualdade em produtos políticos que fornecem segurança contra riscos para esse tipo de trabalho (Crouch 2019, 15-22). A existência de trabalhos precários e sua distribuição desigual de riscos na sociedade pós-industrial apoia o discurso da economia gig, que se baseia no trabalho em grupo, eliminando habilidades específicas e trabalhando sob demanda por meio de aplicativos que eliminam contratos de trabalho claros (De Stefano 2016, 483).

Uma segunda leitura foi realizada no artigo de Fanggida et al. (2019). O artigo Sociedade do Risco é lido de uma maneira ex situ através de exemplos de casos de trabalhos precários que ocorrem no setor de transporte online pela plataforma Go-jek em Jacarta. Através de sua pesquisa, foram encontradas várias descobertas significativas sobre o trabalho do precariado no contexto da Sociedade do Risco, da economia gig e da distribuição de riscos em um local específico para mostrar que o trabalho em grupo e o trabalho sob demanda por meio de aplicativos são coisas que podem ultrapassar as fronteiras geopolíticas. Os resultados desta pesquisa mostram como o trabalho do precariado através da plataforma Go-jek persiste devido a fatores internos na forma de políticas governamentais e fatores externos na forma de crescente interesse das pessoas que eventualmente decidem trabalhar nesse setor. Esses dois fatores diminuem a consciência dos trabalhadores precários sobre a ausência de contratos de trabalho claros em suas práticas laborais.

As descobertas nos dois artigos anteriores coincidem com as descobertas do autor durante a pesquisa em Purwokerto em agosto-setembro de 2023. Da pesquisa realizada, constatou-se que a realidade do trabalho precário por meio de mecanismos de trabalho em grupo e trabalho sob demanda por meio de aplicativos em Purwokerto foi encontrada em dois tipos de trabalho, ou seja, no transporte online e freelancer. Abaixo estão os resultados dos achados do autor:



Duração das horas de trabalho no aplicativos de transporte e freelancer em Purwokerto

A ausência de uma duração fixa das horas de trabalho também é respaldada por vinte fontes de dados no setor de transporte online que afirmam não ter um contrato de trabalho. Os contratos de trabalho para os trabalhadores neste setor são descritos como "parcerias". No entanto, esse termo é uma forma de reduzir as obrigações dos empregadores para com seus trabalhadores. Além disso, vinte fontes de dados no setor freelancer declararam que seis fontes de dados não tinham contratos de trabalho em sua atividade. Cinco fontes de dados afirmaram que tinham contratos na forma de salários pelo conteúdo produzido. Sete fontes de dados afirmaram que tinham um contrato por um período determinado, de três a seis meses, e podia ser renovado conforme o desempenho de seu trabalho digital. As duas fontes de dados restantes declararam que têm um contrato de trabalho completo que inclui a duração das horas de trabalho, salários-mínimos, garantias de seguridade social e outros direitos dos trabalhadores.

Os achados nos dados anteriores mostram que a realidade do trabalho digital em Purwokerto pode ser categorizada sob o esquema de economia gig. Isso ocorre porque a maioria das fontes de dados realiza trabalho em grupo e trabalho sob demanda por meio de aplicativos, sem contratos oficiais claros, o que leva a tipos de trabalho precário ou trabalhos ocasionais com riscos. Além disso, a maioria das fontes de dados também afirma que a duração das horas de trabalho não é fixa e excede o tempo de trabalho padrão de oito horas, conforme estabelecido na Lei Número 23 de 2003 sobre Mão de Obra. Esses achados mostram que a modernização do mundo do trabalho por meio do trabalho digital com um esquema de economia gig é a forma mais atual da Sociedade do Risco. Os trabalhadores no esquema de economia gig são muito vulneráveis à distribuição injusta de riscos de suas práticas laborais.

b. As armadilhas da Modernidade

O próximo capítulo contextualiza "A Individualização da Desigualdade Social: Formas de Vida e o Desaparecimento da Tradição" com a realidade da economia gig, que no capítulo anterior foi concluída como a forma mais moderna da

Sociedade do Risco. O foco da discussão no segundo capítulo da Sociedade do Risco é a modernidade, que obriga o ser humano a se tornar uma criatura muito individual. Essa característica cria problemas porque a discussão sobre o ser humano como criaturas comunais ainda não encontrou um consenso.

Na terceira parte, Sociedade do Risco, afirma-se que a modernidade coloca novas questões sobre se a novidade que traz consigo mudará ou não a distribuição de classe e status de uma perspectiva econômica e social (Beck 1992, 95-7). Até agora, as classes na sociedade foram mapeadas usando a teoria de Weber e Marx, que se baseia na realidade da classe econômica. A existência da modernidade faz com que a distribuição de classes seja enviesada devido a um estímulo desnecessário para que os seres humanos se tornem mais individualistas por meio do processo de industrialização e capitalismo.

A discussão na terceira parte, Sociedade do Risco, aprofunda-se na sexta parte, que trata dos processos de individualismo no ser humano. Neste capítulo, explica-se que as diferenças de classe nunca foram eliminadas no processo de modernidade, que é o processo que trouxe o conceito de individualização. Pelo contrário, ambos se retroalimentam, criando uma diferença em uma biografia reflexiva. Através dessa biografia reflexiva, cria-se uma linha evidente no padrão de individualização humana. No exemplo mencionado por Beck, afirma-se que quanto mais moderna é a vida, mais alguém é forçado a escolher entre diferentes estilos de vida, subculturas e laços sociais, mesmo que tenham o mesmo nível de renda ou classe. Esse processo de individualização na modernidade faz com que as classes na sociedade sejam enviesadas e, em última análise, cria a "Desestandardização do Trabalho" (Beck 1992, 139).

O enviesamento de classe na sociedade moderna é refletido na economia gig da era moderna. A realidade da economia gig cria classes sociais que não são mais legíveis através da divisão de papéis socioeconômicos. O autor aponta três consequências do enviesamento de classe na sociedade, que cria as armadilhas da modernidade da seguinte forma.

b.1. Desclassificação na realidade do trabalho digital

A desclassificação é um termo que existe junto com a reclassificação no mundo do trabalho. Se a reclassificação é uma esperança que faz com que um trabalhador siga sua trajetória social e adquira habilidades aprimoradas no mundo do trabalho, então a desclassificação é o oposto. Heisig (2009, 1643) introduziu o conceito de desclassificação, que inclui quatro aspectos, a saber: 1) Tornar o trabalho mais acessível; 2) Limitar a necessidade de trabalhadores qualificados pela simplificação do trabalho e facilitação da substituição de trabalhadores por outros trabalhadores ou máquinas; 3) Reduzir as especificações do trabalho que exigem mão de obra qualificada para mão de obra semiquaificada ou mesmo não qualificada; e 4) A formação de trabalhadores é substituída pelo uso de tecnologia que é especificamente capaz de controlar o comportamento do trabalhador por meio de incentivos de pagamento, sistemas de monitoramento e procedimentos operacionais padrão.

O fenômeno da desclassificação no contexto da economia gig na Indonésia pode ser lido por meio de dois estudos anteriores. A primeira pesquisa foi realizada por Fatmawati et al. (2019). O artigo mostra que a desclassificação é provável que seja encontrada na realidade do trabalho digital na forma de transporte online. Em sua pesquisa sobre cento e noventa e quatro motoristas de transporte online que utilizam a plataforma Go-Jek em Jacarta, Yogyakarta e Banyuwangi, descobriu-se que o nível educacional dos objetivos de pesquisa era dividido em níveis educacionais na forma de ensino médio em 11%, ensino médio em 66% e D3 (graduação) - S1 (pós-graduação) em 23%. A partir dos dados, também foi constatado que 72% afirmavam que trabalhar como motorista de transporte online era seu trabalho principal, enquanto 28% afirmavam que esse trabalho era apenas um trabalho secundário.

Outra pesquisa é a realizada por Muhammad et al. (2021). No artigo, descobriu-se que a realidade do trabalho digital na economia gig cria uma normalidade de trabalho envolta no termo de parceria. Ao usar o termo parceria, o esquema de

trabalho digital na economia gig faz com que os trabalhadores esqueçam duas coisas. Em primeiro lugar, a perda de espaço, horas de trabalho e salários recebidos. Essas coisas surgem porque o trabalho digital na economia gig é considerado algo flexível e diz-se que não requer tempo nem habilidades especiais. Em segundo lugar, os trabalhadores ficam presos em fantasias ideais de trabalho que dependem de parcerias falsas em vez de estar em contratos de trabalho claros de forma hierárquica, como se encontra nas práticas laborais convencionais.

Os dois achados nos dois estudos anteriores mencionados também foram encontrados nos resultados da pesquisa realizada pelo autor, que é descrita no diagrama a seguir:



Niveles de educación em aplicativos de transporte y freelance em Purwokerto



Compatibilidade do nível de educação com tipos de trabalhos precários em aplicativos de transporte e freelancer em Purwokerto

Através desses dados, descobrimos que o fenômeno da desclassificação também ocorre na realidade do trabalho digital em Purwokerto. A desclassificação se manifesta na forma de incerteza sobre a segurança no emprego que uma pessoa obtém de acordo com seu nível de educação. A educação de uma pessoa deveria ser uma ferramenta para obter um trabalho que corresponda às habilidades adquiridas por meio desse processo. No entanto, na realidade do trabalho digital na economia gig, essa premissa se torna crua. Isso é respaldado pelos achados que mostram que a maioria das fontes de dados afirma que sua educação deve coincidir com seu trabalho para realizar a realidade do trabalho digital, seja por meio de mecanismos como seu trabalho principal ou simplesmente como um trabalho secundário ao seu trabalho principal.

b.2. Plataformização e espaços de alienação

Os aplicativos utilizados por empresas emergentes em práticas de trabalho digital estão sendo empregados para

transformar espaços convencionais, como escritórios físicos, em escritórios digitais. No entanto, essas mudanças não acarretam modificações nos direitos dos trabalhadores. Nieborg e Poell (2018, 4280) oferecem um exemplo de plataformização na produção cultural que envolve métodos de estudo empresarial, economia política crítica e estudos de software. A conclusão é que a plataformização não apenas deve mudar o espaço convencional para o espaço digital, mas também transferir os direitos e obrigações dos trabalhadores culturais para plataformas no espaço digital. Essa realidade muitas vezes só se manifesta em práticas de trabalho digital, pois o trabalho realiza práticas opostas.

Dois estudos conduzidos por Wood et al. (2019) e Wood e Lehdonvirta (2022) mostraram que a plataformização do trabalho digital no contexto da economia gig tende a fornecer apenas uma ilusão na forma de um espaço de trabalho que cria um senso de pertencimento. Na prática, os trabalhadores digitais nunca estão vinculados à plataforma porque trabalham como indivíduos independentes e não estão conectados. Isso os torna uma mercadoria que não tem uma relação próxima entre eles e permanece sempre desconectada, experimentando assim a alienação.

Os resultados da pesquisa anterior são apresentados na tabela e nas entrevistas realizadas pelo autor com trabalhadores de transporte online e freelancers, conforme mostrado abaixo:

Tabela 2

Tipos de trabalho e plataformas utilizadas pelas fontes de dados



Os resultados das entrevistas com trabalhadores de transporte online são os seguintes:

Na realidade, não ajuda em nada. Porque através da plataforma, nosso dinheiro realmente diminui pela plataforma em si. Mas, em vez de não trabalhar, escolheria continuar fazendo isso. (RF, 23 anos, motorista do Go-jek. Entrevista realizada em 6

de setembro de 2023)

Na verdade, impacta nossa localização, que é a cidade. Talvez para as duas plataformas anteriores (Go-jek e Grab) poderiam ajudar. Mas o problema é que o Shopeefood é algo novo aqui. Então, precisamos enfrentar a condição em que temos apenas alguns usuários e a taxa deve ser ajustada ao padrão mínimo de Banyumas, já que Banyumas não é uma cidade grande, na verdade não me ajuda pessoalmente. (F, 23 anos, motorista do Shopeefood. Entrevista realizada em 12 de setembro de 2023)

A plataforma é realmente útil, porque através dela podemos construir uma nova conexão com os usuários, já que a maioria dos usuários são estudantes. (RA, 22 anos, motorista do Ojek Kampoes. Entrevista realizada em 2 de setembro de 2023)

Além disso, os resultados para os trabalhadores autônomos são os seguintes:

Se você diz que ajuda, a plataforma ajuda. Porque nos reúne em um só lugar, mas como uso o Upwork, não preciso desse tipo de espaço (um escritório convencional). Apenas abro o aplicativo; afinal, trabalhamos sozinhos. Consegui um bom trabalho na Austrália sem precisar conhecer ou saber quem eram. Meu contrato é renovado a cada seis meses. (FK, 37 anos, designer gráfico autônomo no Upwork. Entrevista realizada em 21 de agosto de 2023)

A plataforma é útil porque oferece muitos tipos de trabalhos digitais. Apenas olhe para o Fiverr; existem muitos trabalhos diferentes. Mas ainda não há garantia de que haverá clientes dispostos a nos contratar. (FNB, 30 anos, designer gráfico autônomo no Fiverr. Entrevista realizada em 18 de agosto de 2023)

Para mim, usar a plataforma é como trocar de

provedor de telefone. Depende do sinal e da localização. Antes, eu usava o Glint e agora uso o Fiverr como minha plataforma de trabalho, mas não importa se nosso portfólio permanece padrão. (AGP, 24 anos, designer gráfico autônomo no Glint e Fiverr. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2023).

Os achados sobre os trabalhadores de transporte online e autônomos anteriores mostram que a plataformização na realidade do trabalho digital apenas transfere o espaço de escritórios convencionais para escritórios digitais. Seu apego ao espaço de trabalho nunca ocorre porque são forçados a trabalhar de maneira muito individualista através de portfólios, promovendo, em última instância, a criação de um espaço de isolamento. Esses achados estão alinhados com os de Rachmawati et al. (2021, 36-39). Em sua pesquisa, foi afirmado que os trabalhadores independentes experimentam muita incerteza apesar de serem parte da plataforma. Em última instância, devem assumir seus riscos e não podem esperar nenhuma proteção das plataformas onde trabalham. Além disso, esses trabalhadores não têm garantia de poder expressar suas opiniões e negociar políticas emitidas pelas plataformas onde trabalham.

b.3. Dependência dos algoritmos

A plataforma utilizada pelos trabalhadores de aplicativos de transporte e freelancers para desempenhar seu papel como espaço de trabalho digital depende completamente dos detalhes da matriz que registra seu desempenho laboral, conhecida como algoritmo. Chan (2019b) fornece uma explicação clara dos algoritmos em seu artigo, afirmando que o algoritmo no trabalho da plataforma fornece supervisão e cria dependência. A supervisão ocorre por meio de estímulos para que os trabalhadores atendam aos padrões laborais que devem ser cumpridos. Esses padrões laborais às vezes parecem deliberativos ao envolver trabalhadores, empregadores e usuários de serviços em sua elaboração, mas acabam se tornando apenas uma espécie de promessas. Essa supervisão aparentemente deliberativa, em última instância,

cria um comportamento de codependência entre os trabalhadores digitais. Eles tentarão atender aos padrões impostos por qualquer meio, perdendo assim sua integridade como seres humanos no sistema capitalista.

O sistema de algoritmos como supervisão, que cria dependência, é explicado mais detalhadamente em dois artigos. No primeiro, Petre et al. (2019) utiliza a metáfora de um algoritmo como um sistema de jogo. Este artigo explica que há uma metáfora que descreve um algoritmo como um jogo que contém limites na "autenticidade" e ferramentas de monitoramento. Coletivamente, essas metáforas permitem que os representantes da plataforma percebam as tentativas de otimizar o "sistema de jogo" por meio de esforços para "enganar o sistema" como uma violação de normas pseudodeliberativas dentro da plataforma. Esses limites normativos obscurecem o papel das corporações no trabalho digital nas plataformas, pois, além de estabelecer padrões de trabalho e supervisionar, também podem se tornar figuras paternalistas no padrão de trabalho digital nas plataformas. É através desse padrão que se cria um trabalho explorador, pois um trabalhador digital deve ser muito obediente para atender ao "sistema de jogo".

O segundo artigo foi escrito por Duffy (2020), nele é explicado que os algoritmos não podem ser interpretados como mudanças nas regras no mundo do trabalho que seguem as mudanças no espaço de trabalho digital. Para entender os algoritmos, é necessária uma compreensão profunda das consequências para os trabalhadores de plataformas de trabalho em massa e os trabalhadores culturais. Embora ambos dependam dos algoritmos, os achados do artigo indicam que os trabalhadores de plataformas de trabalho em massa são mais vulneráveis do que os trabalhadores culturais, pois suas habilidades como trabalhadores são inferiores.

Os achados no artigo anterior também foram encontrados na pesquisa realizada pelo autor. De seis fontes de dados, foram obtidos os seguintes resultados:

O algoritmo no Go-Jek monitora isso de maneira muito detalhada. Primeiramente, a conta é

suspensa. As contas podem ser suspensas se os motoristas não cumprirem as SOPs implementadas. Por exemplo, se não usarem jaquetas e capacetes rotulados como Gojek. Para monitorar essa regulamentação, existe uma Equipe de Tarefas Go-Jek (Unidade de Oficiais), que frequentemente realiza operações surpresa nos motoristas na estrada. Outra forma de ter a conta suspensa é receber uma avaliação de 1.0 (a mais baixa), acompanhada de análises negativas para os motoristas. As contas do Go-Jek automaticamente não aceitarão pedidos por três dias úteis. Mesmo que a conta esteja suspensa, os motoristas ainda podem apresentar uma apelação. Essa apelação será discutida em relação à raiz do problema, juntamente com uma explicação do que o motorista deve realizar. A decisão final é a demissão ou a rescisão da relação de parceria.

Em segundo lugar, bônus. Um bônus é aplicado se o motorista aceitar muitos pedidos. O bônus não é realmente ruim, podem ser obtidos IDR 80,000. Cada 20 pontos ganharão IDR 80,000. No entanto, os pontos para cada serviço são diferentes. Por exemplo, Go-food são 2 pontos, e Go-ride é 1 ponto. Este bônus é calculado a partir de serviços que entregam pessoas, bens e alimentos no Go-Jek.

Em terceiro lugar, classificação. Uma diminuição na classificação reduz o desempenho na conta do motorista. Aceitar pedidos se torna mais difícil à medida que a duração do trabalho se estende. Por exemplo, geralmente em uma boa condição de classificação, o motorista trabalha dentro de 10 horas. Quando a classificação diminui, a duração do trabalho pode ser de 12 horas diárias.

Em quarto lugar, desempenho do pedido em locais públicos movimentados, especialmente restaurantes. Na hora do almoço ou jantar, os motoristas que ativam o aplicativo receberão pedidos rapidamente. Por exemplo, na área de Mie Gacoan. Da mesma forma, os motoristas na estação de Bulupitu e na terminal de Purwokerto. No

entanto, os pedidos nem sempre são baseados na distância. Algumas tendências e horas específicas influenciam nos pedidos recebidos. Além disso, existe o termo "pedido tuyul (pedido falso)", que usa um GPS falso por parte de motoristas sem escrúpulos. Esse GPS falso pode receber vários pedidos para um único motorista. No entanto, o Go-Jek está protegido de uma perspectiva do sistema. (A, 25 anos, motorista do Go-Jek. Entrevista realizada em 19 de agosto de 2023)

Então, no Grab, o algoritmo não é realmente justo. Fomos divididos em 3 (três) grupos. Há "Jawara, Pejuang e Anggota" (Campeões, Lutadores e Membros). O algoritmo prioriza os Jawara (Campeões) devido à sua experiência, horas de voo e pontos obtidos sem métodos estranhos como GPS nulo ou falso. Os Pejuang (Lutadores) e Anggota (Membros) não têm prioridade. No entanto, há muitas lutas para estar nos Jawara (Campeões). Talvez seja como se tivéssemos que trabalhar 24 horas completas para abrir o aplicativo e levá-lo de um lugar para outro. (H, 30 anos, motorista do Grab. Entrevista realizada em 23 de agosto de 2023)

O desempenho das contas dos motoristas no aplicativo Shopeefood pode ser aprimorado ao aceitar muitos pedidos em um dia. Quanto mais pedidos forem aceitos, melhor será o desempenho nos dias seguintes. Por exemplo, quando há dois motoristas perto do ponto de localização do pedido, é claro que o que receberá o pedido primeiro é o motorista com o maior número de pedidos naquele dia ou no dia anterior. Com base nessa experiência pessoal, não fico apenas em um lugar. Quando o motorista se move enquanto ativa o aplicativo, os pedidos recebidos são mais rápidos. As análises positivas dos clientes também influenciam na classificação (pontuação de 1 a 5) e no desempenho do motorista. (I, 23 anos, motorista de moto do Shopeefood. Entrevista realizada em 13 de setembro de 2023)

Para os algoritmos, existem vários indicadores. Geralmente, é chamado SEO. No SEO, as palavras-chave são o mais importante. Se você seguir o algoritmo e o entender usando os princípios de SEO, as palavras-chave devem aparecer no título e no primeiro parágrafo e depois ser distribuídas de forma equitativa em vários outros parágrafos. Em seguida, o algoritmo requer imagens, legendas, links internos/externos, descrições meta (a essência do conteúdo escrito) e outros fatores como o comprimento do título e o comprimento da frase por parágrafo que devem ser considerados. Isso é o que nos torna "visíveis". (AL, 21 anos, freelancer na Fobis.id. Entrevista realizada em 25 de agosto de 2023)

Os algoritmos são essenciais para o meu trabalho. Trabalho em uma plataforma chamada Tirando Music. Eles realmente me encontraram por meio de um algoritmo de big data. Eles estão em Surabaya e podem me conectar com pessoas que precisam de aulas de piano em Purwokerto. Além disso, eles também oferecem aulas online para estudantes em Jakarta, Malang e Timor Leste. No final, senti que as taxas que eles ofereciam eram muito baixas. Eles nunca me deram um contrato de participação nos lucros. Finalmente, tentei dirigir minha escola de música usando a plataforma do Instagram. Não sei como descobriram que criei minha escola de música. A partir daí, senti que talvez nosso algoritmo tenha tido uma colisão, e senti que estavam me observando. No entanto, ainda estou trabalhando na Tirando. (MA, 30 anos, professor de música particular freelancer na Tirando Music. Entrevista realizada em 1 de setembro de 2023)

Os algoritmos desempenham um papel importante no meu trabalho, pois há certas horas em que meus vídeos se tornam FYP no TikTok. Fazer com que esses vídeos se tornem FYP, se seguir os sons em tendência, facilita aparecer com frequência no TikTok. (T, 23 anos, criador de

conteúdo freelancer no TikTok. Entrevista realizada em 10 de setembro de 2023)

Os achados da pesquisa das entrevistas anteriores demonstram que os trabalhadores de aplicativos de transporte e freelancers experimentam dependência dos algoritmos. Por um lado, sentem-se observados, mas acreditam que os algoritmos são a matriz mais apropriada para torná-los "visíveis" na forma digital de trabalhar por meio da plataforma. Esse fato os faz considerar inevitavelmente os algoritmos como um processo de jogo cujas regras devem ser obedecidas para garantir a continuidade de seu trabalho de qualquer maneira. Isso deu origem ao termo "engancha o sistema", que significa uma tentativa de contornar os padrões de jogo que os trabalhadores digitais devem cumprir.

c. Redução do papel do Estado

Em conclusão, na Sociedade do Risco, Beck escreveu um capítulo intitulado "Modernização Reflexiva: sobre a Generalização da Ciência e da Política". No capítulo, explica-se como a Modernidade, assim como outras coisas, sempre tem uma natureza reflexiva. Essa característica deveria refletir como um fenômeno social sempre possui dialética para controlar a si mesmo e gerar autocrítica (Beck 1992, 158). Essa dialética e autocrítica podem surgir por meio de vários meios. Beck deu um exemplo de como ambos podem estar presentes na ciência e nos processos políticos. Segundo ele, esses dois elementos podem controlar a Modernidade para torná-la algo que apoie a vida humana. Sem ambos, a Modernidade criará desumanização. Para esclarecer a forma da ciência e do processo político, Beck aponta diretamente que existem instituições que podem penetrar ambos para criar uma Modernidade reflexiva. Essa instituição é um estado que está presente no processo político e produz produtos legais para garantir o processo de modernização e as pessoas envolvidas nele (Beck 1992, 186).

A Modernidade muitas vezes ultrapassa a ciência e os processos políticos para se tornar um fenômeno social que

não garante a vida humana. Essa premissa é demonstrada por meio de vários estudos anteriores. Frost (2017) fornece um exemplo de Modernidade que não pode ser controlada por meio da ciência e dos processos políticos. Um exemplo é como a plataforma Uber cria desumanização devido à Modernidade que não pode ser controlada por meio da ciência e dos processos políticos. Em suas descobertas, afirmou-se que o trabalho digital na plataforma Uber faz com que os humanos percam diante da Modernidade e se tornem muito vulneráveis à incerteza do processo de trabalho.

Por outro lado, o sistema político no país precisa regular esse novo tipo de trabalho e realidade. Pesquisas semelhantes foram realizadas por Saputra e Bagiastra (2018) e Sagita e Wita (2019) no contexto do trabalho digital na Indonésia. Ambos questionaram a legitimidade do trabalho digital na forma de transporte online no sistema legal da Indonésia. As descobertas neste artigo são significativas porque a existência do transporte online vai contra a Lei nº 22 de 2009 sobre Tráfego e Transporte Rodoviário. Além disso, também foi descoberto que o contrato de trabalho entre o provedor de serviços de transporte online e seus trabalhadores ia contra a Lei nº 23 de 2003 sobre Mão de Obra. Foi considerado inválido na forma de um contrato de acordo trabalhista e não havia garantia de uma rede de seguridade social.

As descobertas do autor durante a pesquisa estão alinhadas com os estudos anteriores mencionados. No contexto da Regência de Banyumas, há uma falha enfrentada pela instituição autorizada, ou seja, o governo regional, em lidar com a modernidade na forma de trabalho digital. Por exemplo, quando o transporte online apareceu pela primeira vez em Banyumas, houve resistência em formas estruturadas. Essas formas se manifestaram em selagens (Liputan 6, 2017), batidas em escritórios de transporte online por táxis convencionais (Radar Banyumas, 2017), multas pela Polícia de Banyumas (Trans Online Watch, 2017), proibição das operações de transporte online por meio de um circular do Regente de Banyumas (Detik 2017) e uma proibição oficial dos ASN do governo local de usar transporte online (Banyumas Transportation and Service, 2017).

Essas formas de rejeição não foram acompanhadas por

soluções claras oferecidas pelo governo regional da Regência de Banyumas como uma instituição que desempenha um papel significativo em superar a modernidade com ciência e processos políticos. Isso fez com que os trabalhadores de transporte na época fossem alvos de vulnerabilidade, pois continuamente eram restringidos e até considerados equivalentes a criminosos. Essa rejeição finalmente diminuiu após várias negociações para que o transporte online oficial obtivesse garantias legais para operar na Regência de Banyumas em 2019 (Jatengprov.go.id 2019).

Uma realidade semelhante ocorre com os freelancers. Esses trabalhadores independentes de repente se tornaram parte do discurso econômico criativo promulgado por meio da Regulação Regional nº 5 de 2021 sobre Desenvolvimento Econômico Criativo. A regulamentação tem como objetivo criar um ecossistema criativo que envolva empresas micro, pequenas e macro em campos como aplicativos, desenvolvedores de jogos, arquitetura, design de interiores, design de comunicação visual, design de produtos, moda, cinema, animação e vídeo, fotografia, artesanato, culinária, música, publicação, publicidade, artes cênicas, belas artes, televisão e rádio. Esta Regulação Regional foi promulgada em um momento que já é muito tarde se considerarmos o início das realidades do trabalho digital independente que ocorrem na pesquisa. Além disso, o escopo projetado da Regulação Regional é considerado muito ambicioso, pois abrange esforços desde a produção até o consumo no desenvolvimento da economia criativa na Regência de Banyumas. Por essa razão, os trabalhadores digitais independentes nesta pesquisa decidiram se abster de participar dos esforços para desenvolver a economia criativa da Regência de Banyumas. Eles optam por permanecer como trabalhadores vulneráveis devido à falta de clareza em sua relação trabalhista por meio de um contrato de trabalho firme e claro, em vez de se juntarem ao discurso legal da economia criativa, que é igualmente difuso.

A partir da explicação anterior, pode-se verificar que a modernidade será não reflexiva e fomentará a desumanização quando não estiver acompanhada pela ciência e um processo político que tome partido. O caso neste artigo mostra o

surgimento de uma modernidade não reflexiva em Purwokerto. Isso tem consequências fatais na forma de redução do papel do Estado, neste caso, dos governos regionais, em acompanhar a modernidade com ciência e processos políticos por meio da promulgação de regulamentações legais abrangentes para manter o ritmo da modernidade na forma da existência de transporte online e freelancers no discurso do desenvolvimento da economia criativa.

CONCLUSÃO

Os pensamentos de Ulrich Beck na Sociedade do Risco são uma premissa que deve ser contextualizada com o estado de distribuição de riscos na sociedade moderna por meio do meio do mundo do trabalho. Isso ocorre porque a ausência de garantias em relação à distribuição de riscos torna-se cada vez mais visível nas realidades laborais contemporâneas, através da existência do termo economia gig (De Stefano 2016), que surgiu como resultado da fase aguda do capitalismo, desencadeando uma crescente diversidade de tipos de trabalho (Crouch 2019), bem como a quebra de limites espaciais convencionais, como as limitações espaciais de cidades metropolitanas e provinciais (van Klinken 2014). Essa realidade promove a criação de armadilhas da Modernidade na sociedade moderna, manifestadas na forma de desqualificação (Heisig 2009; Muhammad, Roospita e Nugraheni 2021; Fatmawati, Isbah e Kusumaningtyas 2019), plataformização e espaços de alienação (Nieborg e Poell 2018; Wood et al. 2019; Wood e Lehdonvirta 2022), e dependência de algoritmos (Chan 2019b; Petre, Duffy e Hund 2019; Duffy 2020). A forma mais evidente de Sociedade do Risco na sociedade moderna é a redução do papel do Estado, que não pode proporcionar proteção garantida aos trabalhadores digitais por meio da promulgação de

regulamentações legais que sejam penetrantes e vinculantes para todas as partes envolvidas no processo de modernização (Frost 2017; Sagita e Wita 2019; Saputra e Bagiastra 2018).

Vários estudos anteriores ofereceram modelos para melhorar a segurança dos trabalhadores digitais na economia gig. A primeira pesquisa foi realizada por Izzati (2016). Em sua pesquisa, afirmou-se que a melhor maneira de melhorar o trabalho gig é envolver acadêmicos para desenvolver regulamentações trabalhistas mais favoráveis e incentivar o Estado a ser mais audacioso ao enfatizar sua penetração nos padrões de trabalho das empresas emergentes que dependem dos padrões de trabalho gig. Outra pesquisa foi realizada por Stewart e Stanford (2017). Em sua pesquisa, são apresentadas cinco opções de melhoria na realidade do trabalho digital e da economia gig, na forma de, em primeiro lugar, a existência de instituições autorizadas que confirmem e façam cumprir as leis existentes. Devem enfatizar que a relação entre a realidade do trabalho digital e a economia gig é uma forma de relação de trabalho de acordo com as leis e definições existentes. Em segundo lugar, existem produtos legais que esclareçam ou ampliem a definição de emprego na realidade do trabalho digital e na economia gig.

Além disso, em terceiro lugar, está a opção de criar novas categorias de trabalhadores, bem como definir novos direitos e proteções explicitamente relacionados às condições especiais dos trabalhadores em plataformas digitais. Em quarto lugar, o esforço elude o desafio de definir o status laboral dos trabalhadores digitais, afirmando que têm direito à proteção com base no trabalho produtivo que realizam. Independentemente da natureza de seu trabalho, ele sempre é categorizado como trabalho precário. Finalmente, a opção de reconsiderar o que significa ser um "empregador", permitindo assim que os trabalhadores digitais tenham diferentes empregadores para diferentes propósitos.

A contextualização e os achados deste artigo podem fornecer informações aos responsáveis pela tomada de decisões, pois contém dados novos e discussões aprofundadas. Isso é importante porque os achados deste artigo mostram que os responsáveis pela tomada de decisões hesitam ao lidar com a modernidade na forma de trabalho

digital e economia gig. Essa falha eventualmente leva a uma distribuição desigual de riscos entre os trabalhadores digitais. Além disso, espera-se que este artigo possa ser uma referência para pesquisas futuras que analisem as realidades do trabalho digital e da economia gig em cidades provinciais. Até agora, a pesquisa sobre as realidades do trabalho digital e da economia gig tem sido frequentemente realizada em cidades metropolitanas. Esse fato cria a opinião de que a realidade do trabalho digital e da economia gig não pode ser encontrada em cidades provinciais como Purwokerto.

NOTAS

[Referências] Anguelovski, Isabel, James Connolly e Ana Livia Brand. 2018. «From Landscapes of Utopia to the Margins of the Green Urban Life: For Whom is the New Green City?» *City* 22, n. 3: 417-36. <https://doi.org/10.1080/13604813.2018.1473126>

Avnoon, Netta, Dan M Kotliar e Shira Rivnai-Bahir. 2023. «Contextualizing the Ethics of Algorithms: A Socio-professional Approach». *New Media and Society* 12, n. 2: 123-33. <https://doi.org/10.1177/14614448221145728>

Beck, Ulrich. 1992. *Risk Society*, tradução de Mark Ritter. London: Sage Publications.

Beck, Ulrich. 2010. «Remapping Social Inequalities in an Age of Climate Change: For a Cosmopolitan Renewal of Sociology». *Global Networks* 10, n. 2: 165-81. <https://doi.org/10.2307/j.ctvh8r0w3>

Beck, Ulrich e Anders Blok. 2016. «Cosmopolitan

Communities of Risk: From United Nations to United Cities». En *The Metamorphosis of the World*, editado por Ulrich Beck, 112-39. London: Polity Press.

Blok, Anders. 2020. «Urban Green Gentrification in an Unequal World of Climate Change». *Urban Studies* 57, n. 14: 2803-16. <https://doi.org/10.1177/0042098019891050>

Chan, Ngai Keung. 2019a. «“Becoming an Expert in Driving for Uber”: Uber driver/Bloggers' Performance of Expertise and Self-presentation on YouTube». *New Media and Society* 21, n. 9: 2048-67. <https://doi.org/10.1177/1461444819837736>

Chan, Ngai Keung. 2019b. «The Rating Game: The Discipline of Uber's User-Generated Ratings». *Surveillance & Society* 17, n. 2: 183-90. <https://doi.org/10.24908/ss.v17i1/2.12911>

Chernilo, Daniel. 2021. «One globalization or many? Risk society in the age of the Anthropocene». *Journal of Sociology* 57, n. 1: 12-26. <https://doi.org/10.1177/1440783321997563>

Connolly, James J. T. 2019. «From Jacobs to the Just City: A Foundation for Challenging the Green Planning Orthodoxy». *Cities* 91: 64-70. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2018.05.011>

Crouch, Colin. 2019. «Inequality in Post-industrial Societies». *Structural Change and Economic Dynamics* 51: 11-23. <https://doi.org/10.1016/j.strueco.2019.07.011>

De Stefano, Valerio. 2016. «The Rise of the 'Just-In-Time Workforce': On-Demand Work, Crowdswork and Labor Protection in the "Gig Economy"». *Comparative Labor Law Journal* 37, n. 3: 471-504. Electronic copy postprint. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2682602>

Detik. 2017. *Begini Isi SE Bupati Banyumas Terkait Larangan Ojek Online*. <https://news.detik.com/berita-jawa-tengah/d-3556847/begini-i>

si-se-bupati-banyumas-terkait-larangan-ojek-online
(consultado em 2 de setembro de 2023)

Dinas Perhubungan Banyumas. 2017. PNS Banyumas Dilarang Gunakan Ojek Online. <http://dinhub.banyumaskab.go.id/read/21625/pns-banyumas-dilarang-gunakan-ojek-online> (consultado em 28 de agosto de 2023)

Duffy, Brooke Erin. 2020. «Algorithmic Precarity in Cultural Work». *Communication and the Public* 5, n. 3: 103-7. <https://doi.org/10.1177/2057047320959855>

Faber, Daniel. 2018. «Global Capitalism, Reactionary Neoliberalism, and the Deepening of Environmental Injustices». *Capitalism, Nature, Socialism* 29, n. 2: 8-28. <https://doi.org/10.1080/10455752.2018.1464250>

Fanggidae, Victoria, Muto P. Sagala e Dwi Rahayu Ningrum. 2019. «On-Demand Transport Workers in Indonesia». En *Transformations in Technology, Transformations in Work*, 15-47. Germany: Ministry of Foreign Affairs Germany.

Fatmawati, Dian, Falikul Isbah e Amelinda Pandu Kusumaningtyas. 2019. «Pekerja Muda dan Ancaman Deskilling-Skill Trap di Sektor Transportasi Berbasis Daring». *Jurnal Studi Pemuda* 8, n. 1: 29-45. <https://doi.org/10.22146/studipemudaugm.45301>

Frost, Jimmy. 2017. «Uber and The Gig Economy: Can the Legal World Keep Up?» *SciTech Lawyer* 13, n. 2: 4-7.

Heisig, Ulrich. 2009. «The Deskilling and Upskilling Debate». En *International Handbook of Education for The Changing World of Work*, editado por Rupert Maclean y David N. Wilson, 1639-51. Springer. e-ISBN: 978-1-4020-5281-1.

Hidayah, Ahmad. 2021. «Tantangan Kaum Freelancer dan

Pemerintah Indonesia di Era Perkembangan Teknologi Digital». RESIPROKAL: Jurnal Riset Sosiologi Progresif Aktual 3, n. 1: 92-104. <https://doi.org/10.29303/resiprokal.v3i1.47>

Hussain, A. H. M. Belayeth. 2020. «State Policies Decrease Movement During COVID-19». Contexts 19, n.o 4: 51-5. <https://doi.org/10.1177/1536504220977936>

Izzati, Nabiyla Risfa. 2018. «Exploring Legal Landscape of Indonesia's on-Demand Transportation: Case of Go-Jek and The Worker's Social Protection». Preprint, December 26. Disponível em SRRN. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4146661>

Jamieson, Lynn. 2020. «Sociology of Personal Relationships and the Challenge of Climate Change». Sociology 54, n. 2: 219-36. <https://doi.org/10.1177/0038038519882599>

Jatengprov.go.id. 2019. «Gojek Segera Hadir di Purwokerto». <https://jatengprov.go.id/beritadaerah/gojek-segera-hadir-di-purwokerto/> (consultado em 12 de setembro de 2023)

Kodrat, Setiawan. 2019. «Berapa Jumlah Pengemudi Ojek Online di Indonesia?». Tempo Bisnis, November 13th. <https://bisnis.tempo.co/read/1271465/berapa-jumlah-pengemudi-ojek-online-di-indonesia> (consultado em 3 de agosto de 2023)

Laidley, Thomas. 2013. «Climate, Class, and Culture: Political Issues as Cultural Signifiers in the US». Sociological Review 61, n. 1: 153-71. <https://doi.org/10.1111/1467-954X.12008>

Liputan 6. 2017. «Kantor Go-Jek Purwokerto Disegel, Bagaimana Nasib Ojek Daring?». <https://www.liputan6.com/regional/read/3103472/kantor-go-jek-purwokerto-disegel-bagaimana-nasib-ojek-daring> (consultado em 9 de setembro de 2023)

Moe, David Thang. 2019. «Conceptualizing and Contextualizing with and Beyond Paul Hiebert's Anthropological Models: Toward a Contextual Trinitarian Missiology in Myanmar». *Missiology: An International Review* 47, n. 2: 153-72. <https://doi.org/10.1177/0091829618820024>

Muhammad, Dzaky Yusuf, Rima Anhar Roospita e Naomy A. Nugraheni. 2021. «Mitos Kemitraan dan Konstruksi Normalitas 'Kerja Gig': Kajian Operasi Kekuasaan Hegemonik». En *Menyoal Kerja Layak dan Adil dalam Ekonomi Gig di Indonesia*, editado por Yeremias T. Keban, Ari Hernawan e Arif Novianto, 157-74. Yogyakarta: IGPA Press.

Mustofa. 2018. «Pekerja Lepas (Freelancer) Dalam Dunia Bisnis». *Jurnal MoZaiK* 10, n. 1: 19-25. <https://doi.org/10.5281/zenodo.1469323>

Nieborg, David B. e Thomas Poell. 2018. «The Platformization of Cultural Production: Theorizing the Contingent Cultural Commodity». *New Media and Society* 20, n. 11: 4275-92. <https://doi.org/10.1177/1461444818769694>

Petre, Caitlin, Brooke Erin Duffy e Emily Hund. 2019. «“Gaming the System”: Platform Paternalism and the Politics of Algorithmic Visibility». *Social Media and Society* 5, n. 4. <https://doi.org/10.1177/2056305119879995>

Rachmawati, Riani, Safitri, Luthfianti Zakia, Ayu Lupita e Alex De Ruyter. 2021. «Urban Gig Workers in Indonesia during Covid-19: The experience of online 'ojek' drivers». *Work Organisation, Labour & Globalisation* 15, n. 1: 31-45. <https://doi.org/10.13169/workorglaboglob.15.1.0031>

Radar Banyumas. 2017. «Kantor Gojek Digeruduk Taksi Konvensional Banyumas». <https://radarbanyumas.disway.id/read/50408/kantor-gojek-digeruduk-taksi-konvensional-banyumas> (consultado em 12 de agosto de 2023)

Ramos, Stephen J. 2022. «The Body Politic: Planning History, Design, and Public Health». *Journal of Planning History* 21, n. 1: 3-9. <https://doi.org/10.1177/15385132211021995>

Rizkidarajat, Wiman e Aidatul Chusna. 2022. «Production of Fear: Visual Analysis of Local Lockdown Warning Signs». *Suvarnabhumi* 14, n. 2: 89-116. <https://doi.org/10.22801/svn.2022.14.2.89>

Rosenblat, Alex e Luke Stark. 2016. «Algorithmic Labor and Information Asymmetries: A Case Study of Uber's Drivers». *International Journal of Communication* 10: 3758-84. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2686227>

Sagita, Putu Ari e I Nyoman Wita. 2019. «Keabsahan Jasa Pengangkutan Ojek Online Di Indonesia». *Kertha Semaya* 7, n. 2: 1-10. <https://doi.org/10.24843/km.2019.v07.i04.p11>

Saputra, Anak Agung Ngurah Deva Ekada e I Nyoman Bagiastra. 2018. «Tinjauan Yuridis Hubungan Hukum Antara Driver Go-jek dengan PT. Go-jek Indonesia». *Kertha Semaya* 6, n. 10: 1-13. <https://ojs.unud.ac.id/index.php/kerthasemaya/article/view/53494>

Selchow, Sabine. 2016. «The Paths Not (yet) Taken: Ulrich Beck, The “Cosmopolitized World” and Security Studies». *Security Dialogue* 47, n. 5: 369-85. <https://doi.org/10.1177/0967010616647859>

Setiasih, Herma. 2022. «Perlindungan Hukum Pengemudi Ojek Online Atas Kontrak Perjanjian Perusahaan Gojek (Study Kasus Pasca Putusan Mahkamah Konstitusi No. 41/PUU-XVI/2018)». *Jurnal Sosial Humaniora Dan Pendidikan* 1, n. 1: 34-8. <https://doi.org/10.55606/inovasi.v1i1.193>

Sparke, Matthew e Owain David Williams. 2022. «Neoliberal Disease: COVID-19, Co-pathogenesis and Global Health

Insecurities». *Environment and Planning A* 54, n. 1: 15-32.
<https://doi.org/10.1177/0308518X211048905>

Stewart, Andrew e Jim Stanford. 2017. «Regulating Work in the Gig Economy: What Are the Options?» *The Economic and Labour Relations Review* 28, n. 3: 420-37.
<https://doi.org/10.1177/1035304617722461>

Suraj, Shah. 2018. «The Gig Economy and Skills Traps in Indonesia». *Jakarta Post*, 21 de noviembre.
<https://www.thejakartapost.com/academia/2018/11/21/the-gig-economy-and-skills-traps-in-indonesia.html> (consultado em 18 de agosto de 2023)

Tarigan, Debby Tri Sebbiana, I Wayan Wiryawan e I Nyoman Mudana. 2017. «Analisis Perjanjian Kerjasama Kemitraan PT. GO-JEK dengan Driver Berdasarkan Undang-Undang No. 13 Tahun 2003 Tentang Ketenagakerjaan». *Kertha Semaya* 3, n. 1: 1 - 14.
<https://ojs.unud.ac.id/index.php/kerthasemaya/article/view/30003/18420>

Tashakkori, Abbas e Charles Teddlie. 2013. *Sage Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research*, 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publisher.

Trans Online Watch. 2017. «Waduh, Resmi Dilarang, Polres Banyumas Akan Tilang Taksi Online». <https://www.transonlinewatch.com/waduhresmi-dilarang-polres-banyumas-akan-tilang-taksi-online/>(consultado em 4 de setembro de 2023)

van Klinken, Gerry. 2014. «Democracy, Markets, and the Assertive Middle». *Introducción de In Search of Middle Indonesia: Middle Classes in Provincial Towns*, editado por Gerry van Klinken and Ward Berenschot, 1-32. Leiden: Brill.
<https://doi.org/10.1163/9789004263437>

Wood, Alex J., Mark Graham, Vili Lehdonvirta e Isis Hjorth. 2019. «Networked but Commodified: The (Dis)Embeddedness of Digital Labour in the Gig Economy». *Sociology* 53, n. 5: 931-50. <https://doi.org/10.1177/0038038519828906>

Wood, Alex J. e Vili Lehdonvirta. 2022. «Platforms Disrupting Reputation: Precarity and Recognition Struggles in the Remote Gig Economy». *Sociology* 56, n. 4: 1-18. <https://doi.org/10.1177/00380385221126804>

[Nota] Todas as citações textuais publicadas neste artigo foram traduzidas pela equipe da revista. As traduções não são as oficiais publicadas por uma editora e foram incorporadas exclusivamente para preservar a continuidade idiomática na leitura. Este artigo é a tradução da versão original dos autores em inglês. Esta publicação, assim como a versão em inglês, é uma publicação original publicada pela primeira vez nesta revista.